



**UNIVERSIDADE TIRADENTES  
PRÓ-REITORIA ADJUNTA DE GRADUAÇÃO  
PROGRAMA ESPECIAL DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA PARA  
PORTADORES DE DIPLOMA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR**

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA A PRODUÇÃO DE  
TEXTO**

**Tânia Maria Cardoso de Barros**

**ARACAJU  
2005**



**TÂNIA MARIA CARDOSO DE BARROS**

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA A PRODUÇÃO DE  
TEXTO**

Trabalho de Conclusão de Programa apresentado ao Programa Especial de Formação Pedagógica para Portadores de Diploma de Educação Superior da Universidade Tiradentes (PROFOPE/UNIT), como requisito para obtenção do Certificado e Registro Profissional equivalente à Licenciatura Plena em Letras/Português sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Mestra Margarida Maria M. Ambrasevicius.

**ARACAJU  
2005**

**UNIVERSIDADE TIRADENTES  
PRÓ-REITORIA ADJUNTA DE GRADUAÇÃO  
PROGRAMA ESPECIAL DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA PARA PORTADORES  
DE DIPLOMA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR**

O TCP intitulado A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA A PRODUÇÃO DE TEXTO, elaborado por TÂNIA MARIA CARDOSO DE BARROS, é \_\_\_\_\_ com nota \_\_\_\_\_ (\_\_\_\_\_), em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2005.

**AVALIAÇÃO:**

**ORIENTAÇÃO DE TCP:**

**NOTA** \_\_\_\_\_

**PESQUISA EM EDUCAÇÃO III:**

**NOTA 1** \_\_\_\_\_

**NOTA 2** \_\_\_\_\_

**MÉDIA** \_\_\_\_\_

**MÉDIA FINAL DO TCP =** \_\_\_\_\_

---

Prof<sup>ª</sup>. Mestra Margarida Maria M. Ambrasevicius - Orientadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Mestra Maria José de A. Araújo - Examinadora

**ARACAJU  
2005**

Dedico este trabalho a todos que influenciaram direta ou indiretamente para o meu sucesso.

# AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível graças:

A Deus, em primeiro lugar

A minha família, em especial ao meu esposo João Alves de Barros e aos meus filhos Márcio Cardoso de Barros e Thaís Cardoso de Barros, que muito me ajudaram e compreenderam as dificuldades e privações que os impus;

À Universidade Tiradentes, que sem a qual, não seria possível a realização dessa titulação;

À todos os colegas do PROFOPE de modo geral;

Aos professores, em especial à professora Mestra Maria José de Azevedo Araújo, que muito serviu como farol condutor nessa jornada;

Aos funcionários, em especial à estagiária Tatiana Melo Menezes, em razão de sua atenção especial conosco.

*Eu, agora diria nós, como educadores e educadoras: ai daqueles e daquelas, entre nós, que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar. Ai daqueles e daquelas que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e com o agora, ai daqueles que em lugar desta viagem constante ao amanhã, se atrelem a um passado de exploração e de rotina.*

**PAULO FREIRE.**

## RESUMO

A leitura não é um ato solitário e isolado dos problemas sociais, fora do mundo. É uma interação do leitor com seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros. A leitura possui múltiplos valores em nossa cultura. A posse e uso da escrita, no entanto, ainda são privilégios das classes economicamente privilegiadas, o que acaba por determinar a utilização da sua norma lingüística, por ser mais prestigiada socialmente. Para esse segmento a leitura é uma forma de lazer, prazer, enriquecimento cultural. Para as classes populares, a leitura é instrumento para obter melhores condições de vida, ressaltando-se aí sua função utilitária. O desinteresse dos alunos pela leitura é fato unânime nas escolas. Cabe ao professor promover condições favoráveis à formação do leitor, oferecendo-lhe textos orais ou escritos variados despertando o interesse pela leitura nos alunos, mostrando-lhes a importância desta para a produção de textos, buscando enfatizar a importância do leitor enquanto sujeito da produção de sentido. Assim, autor e leitor interagem a partir do texto. Esta pesquisa-ação, teve como objetivo estimular os alunos a desenvolverem situações ligadas a língua portuguesa e tornarem a leitura e a escrita ações prazerosas e também incentivar o hábito da leitura mostrando-lhes que o ato de ler não é um fim, não significa tão somente decodificar letras ou sinais, mas principalmente ter uma percepção crítica e uma interpretação lógica e “re-escrita” sobre o que leu. O maior intuito desse trabalho foi criar o interesse pela leitura com motivação porque, ninguém lê ou escreve sem motivo, sem motivação.

**PALAVRAS-CHAVE:** leitura, escrita, texto, leitor, motivação, produção.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA A PRODUÇÃO DE TEXTO .....</b>	<b>15</b>
2.1 Às origens da questão .....	15
2.2 História da escrita .....	19
2.3 Escola e Leitura .....	22
2.4 Do mundo da leitura para a leitura do mundo .....	23
2.5 A leitura e a escrita em destaque .....	24
<b>3 ASPECTOS METOLÓGICOS .....</b>	<b>32</b>
3.1 Método .....	33
3.2 Procedimentos metodológicos .....	36
3.3 A prática escolar .....	37
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>42</b>
<b>ANEXOS E APÊNDICES .....</b>	<b>44</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A crise na educação é, certamente um dos mais sérios problemas que enfrenta o país. Não estão sendo preparadas gerações capazes de conduzi-lo no futuro. O que democratiza uma nação, o que assegura a todos a igualdade de oportunidades, não é apenas o direito de acesso à escola. É o direito de acesso ao saber. No entanto, no Brasil as oportunidades dentro do sistema de ensino não são distribuídas igualmente, em relação às diferentes regiões e classes sociais do país.

Desta forma, alguns segmentos da sociedade dispõem de mais facilidades para freqüentar a escola. A população de baixa renda, mesmo conseguindo ter acesso à esta, chega até ela mais tarde, reprovam com mais intensidade e evadem-se em maior número.

“As pessoas educam-se por professores nas escolas. E mais: as pessoas educam-se pelos pais, pelos irmãos, parentes, amigos, vizinhos, outras crianças, outros adolescentes, outros adultos. Os projetos pessoais, os objetivos de vida, imaginados por nós, resultam de sentido dado às nossas experiências sociais com os professores e ainda com essas pessoas diferentes”. (VIEIRA, 1998: p. 58)

O presente trabalho foi desenvolvido e direcionado à Escola Estadual Professor Manoel Franco Freire localizada na rua Professor Manoel Franco Freire s/n no Conjunto JK, criada pelo Decreto nº 5671/83, em 08 de fevereiro de 1983, no Governo de Djenal Queiroz. Era Secretário de Educação Dr. Antônio Manuel de Carvalho Dantas.

A Escola funciona nos três turnos, com os cursos de Educação Infantil (nos turnos matutino e vespertino), Ensino Fundamental (nos turnos matutino e vespertino), PROAJA e EJAEF – 1ª e 2ª Fases (no turno noturno).

Embora localizada em um bairro de classe média, sempre atendeu a uma demanda quase que exclusiva de bairros circunvizinhos, cuja população possui um baixíssimo poder aquisitivo, deploráveis condições de moradia e alimentação, escassos valores de convivência social.

Suas instalações físicas encontram-se em bom estado de conservação, sendo dotada das seguintes dependências: 08 salas de Aula, 01 sala de Diretoria, 01 sala de Comitê Pedagógico/Professores, 01 sala de Secretaria, 01 sala de Reunião, 01 sala de Leitura(incluindo TV/Vídeo), 01 Refeitório, 01 depósito de Alimentos, 01 depósito de Material Didático e Administrativo, 01 depósito de Limpeza, 01 Cozinha, 01 sala de Arquivo, 01 WC para direção e funcionários, 02 WC para alunos, 01 pátio coberto e 01 quadra de Esportes descoberta(obra inacabada).

Como professora efetiva nesta Escola, há 16 anos, lecionamos atualmente Língua Portuguesa nas 1ª etapa, 2ª etapa e 3ª etapa, Cultura e Arte na 1ª etapa e Redação na 4ª etapa da 2ª Fase do EJAEF. Como aluna do PROFOPE, observamos a influência do aspecto social na produção escrita. A nossa Escola acolhe alunos de baixo nível sócio-econômico como empregadas domésticas, diaristas, comerciários, carroceiros ou mesmo pessoas que estão numa faixa etária defasada. Assim, sabemos o quanto esses fatores influenciam na produção escrita tornando-se decisivo no fracasso escolar.

Na área de português, percebe-se a dificuldade destes alunos que não desenvolveram o gosto pela leitura. Pretendemos juntos encontrar caminhos viáveis para a solução desta questão, estimulando a oralidade, relatando as suas vivências e leituras de mundo, analisando as variantes lingüísticas, utilizando seu saber extra-escolar como ponto de partida para levá-los à aquisição da norma culta.

Evidencia-se que a produção de texto é baseada em vários critérios que obedecem a uma certa relevância voltada principalmente para o conhecimento da leitura, que deve ocorrer de forma sistematizada e que permite o aluno construir visões de mundo.

O presente estudo justifica-se porque o sistema de ensino passa por uma necessidade de reorganização, devendo estar intrinsecamente voltado para as necessidades políticas do homem e para o exercício da sua cidadania. Nesse contexto, o ensino de Língua Portuguesa deve contribuir para garantir a todos os

alunos o acesso aos saberes lingüísticos necessários para torná-los cidadãos ativos e críticos, utilizando a produção escrita como instrumento de interpretação da realidade e de interação social.

Nessa perspectiva educacional, fica claro que o ensino de produção escrita não pode ser pautada fundamentalmente, no estudo da redação e ortografia, embora essa forma de ensino tradicional ainda esteja presente em muitas escolas; portanto, a nossa ação pedagógica terá como base uma prática, através da qual o aluno adquire o domínio da linguagem como atividade discursiva e cognitiva e o domínio da escrita como sistema que determina o seu sucesso escolar.

Os conteúdos que se irá trabalhar através da proposta da pesquisa-ação se articularão em torno dos seguintes eixos básicos: a influência social no uso da língua oral e da língua escrita e a reflexão sobre a língua e linguagem, principalmente no que se refere à aquisição da leitura e da produção de texto.

A elaboração do projeto de pesquisa-ação é uma exigência do PROFOPE e contribuirá para a melhoria da qualidade do ensino.

Partindo da idéia de que quem lê mais, tem mais facilidade para escrever, procuramos incentivar o gosto pela leitura baseando-se nos objetivos:

O objetivo na elaboração do projeto de pesquisa-ação, é estimular os alunos a desenvolverem situações ligadas a língua portuguesa e tornarem a leitura e a escrita ações prazerosas.

Tudo quanto está escrito tem uma intenção. A efetivação da língua escrita na sociedade ainda é a maior fonte de conhecimento e informações.

Esta pesquisa-ação apresentou os objetivos gerais a seguir:

Analisar através da pesquisa-ação a influência do aspecto social dos alunos das 2ª e 3ª etapas da 2ª Fase do EJA da Escola Estadual Professor Manoel

Franco Freire na produção escrita, bem como a sua capacidade de leitura, compreensão e utilização da língua portuguesa;

Desenvolver nos alunos o gosto pela leitura e pela escrita através de uma interação afetiva com livros, que possibilite uma atividade literária crítica e inventiva;

Analisar as possíveis interações da sociedade sobre o domínio lingüístico.

Os objetivos específicos da pesquisa-ação foram:

Verificar até que ponto as condições sócio-econômicas interferem na produção de texto desses alunos;

Destacar o por quê dos alunos sentirem dificuldade na elaboração do texto escrito;

Descrever o papel representado pela escola, pelos PCN'S, pelos conteúdos programáticos em relação ao ensino da língua portuguesa;

Valorizar a capacidade de comprovar suas idéias através de: histórias, poesias, cartas, bilhetes, manchetes ou notinhas de jornal e paródias através da escrita;

Promover um seminário intitulado Leitura e Produção de Texto.

Percebe-se que quem não gosta de ler encontra dificuldade na hora de escrever, reproduzir textos, interpretar e comunicar-se com os colegas. Com isso os alunos tornam-se desmotivados e muitas vezes até abandonam a escola. Diante disso, entende-se que na sociedade letrada, torna-se uma questão prioritária o domínio da leitura, seja através dos códigos mais antigos, seja através dos recursos tecnológicos.

A leitura pode ser vista como um mergulho no mundo da imaginação e conseqüentemente um convite a escrita de forma criativa.

Um lar sem a presença do hábito da leitura e sem livros, ou com livros comprados por metro apenas para embelezar a sala de visita, representa caso exemplar: a escola dá valor ao texto escrito mas o aluno poderá depreciá-lo por não ter experiência com ele em seu lar.

Considerando estes aspectos, questiona-se:

Como conduzir o aluno a desenvolver o gosto pela leitura?

Como incentivar para a produção de texto escrito?

Quais os materiais didáticos devemos usar para motivar os alunos à participação dos trabalhos pedagógicos?

Como favorecer a aprendizagem dos alunos?

Como desenvolver um trabalho de pesquisa-ação com a comunidade escolar?

Os estudos mais recentes da História têm indicado que a palavra escrita parece ter surgido em sociedade-estado enriquecidas e com um poder muito centralizado, como entre os egípcios ou entre os astecas. Ela teria aparecido primeiro sendo usada pelos escribas, para fazer a contabilidade dos bens dos reis e dos faraós.

Como agente mediador do conhecimento e como educador na condição de formador de opinião, o professor deverá criar uma relação de cumplicidade com seus alunos facilitando a integração dos meios sócio-culturais e políticos imprimindo respeito e solidariedade no trabalho que irão realizar.

Deve-se aproveitar toda bagagem que trazem os alunos em suas leituras de mundo. Pensa-se dessa forma, desenvolver a leitura e a escrita, a partir de suas experiências, ou seja, de tudo que eles conhecem e vivenciam no seu cotidiano.

Este Trabalho de Conclusão de Programa foi organizado contendo os seguintes capítulos:

No primeiro capítulo, a Introdução contém uma breve abordagem sobre o tema em questão, mostrando a escola como unidade de ensino responsável em desenvolver no aluno o gosto pela leitura, a justificativa e os objetivos do presente trabalho.

No segundo capítulo, apresenta-se a Fundamentação teórica que deu embasamento para reflexão e análise da situação-problema.

No terceiro capítulo, a Metodologia aplicada com base na pesquisa-ação, envolvendo alunos na perspectiva de orientar leitores ativos, conscientes, cidadãos.

Nas Considerações Finais, busca-se entender o processo de formar leitores capazes de interpretar o sentido do que leu e escrever como ato de realização, sugerindo-se uma prática mais dinâmica com a utilização de instrumentos mais adequados à realidade do aluno.

A relevância deste estudo se consolida no fato de estar contribuindo para a educação, possibilitando a reflexão acerca das dificuldades na leitura e na escrita e a importância da leitura na vida do cidadão.

## 2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA A PRODUÇÃO DE TEXTO

Este capítulo enfocará o pensamento de diversos autores no sentido de construir uma revisão literária acerca da temática proposta. Ou seja, analisar o nosso objeto de estudo situando historicamente os caminhos percorridos pela educação até chegar aos dias atuais, a partir do surgimento da escrita e das primeiras leituras.

Escrita e leitura são instrumentos, ferramentas para se ter acesso e produzir a linguagem escrita. Só se adquire o uso específico da linguagem escrita em contato com textos de uso social e refletindo acerca desses textos.

A escola deve preparar o aluno de forma que ele perceba como o ato de ler enriquece e amplia seus conhecimentos do mundo e de si próprio. Ao produzir o texto, o aluno reúne conhecimentos de leituras anteriores e das normas da escrita e o constrói. Sabe que esse não nasce pronto.

### 2.1 Às origens da questão

Avaliar, discutir e redimensionar as fronteiras dentro das quais a escola foi construída e se mantém na sociedade brasileira exige, a princípio, um corte que exponha sua trajetória ao longo do tempo. Identificar os objetivos que justificaram sua existência em vários momentos históricos, analisar as camadas de população beneficiadas e afastadas do espaço escolar, os modelos pedagógicos predominantes, a atenção e investimentos que mereceu dos governos é compreender sua face atual.

Cumprir questionar e desvelar os saberes que a escola de hoje não inclui em seus currículos e práticas. Ao fazê-lo, na verdade, enceta-se uma reflexão sobre as estruturas política, social e cultural. Significa constatar o caráter ambíguo de uma organização que, apesar de composta por uma base étnica e culturalmente diversificada, pensa e age, predominantemente, segundo valores brancos europeus e norte-americanos. Apesar de ser fortemente estratificada, dita padrões e tenta uniformizar o comportamento de todos os cidadãos de acordo com o estilo das

elites. Que, apesar de afirmar “toda criança na escola”, não consegue enxergar outra pergunta: “por quanto tempo ela será capaz de lá permanecer”? A pergunta faz sentido, sobretudo se a criança pertence às camadas populares.

Numa sociedade como a atual, em que a divisão de bens, de rendas e de lucros é tão desigual, não se estranha que desigualdade similar presida também à distribuição de bens culturais, já que a participação em boa parte destes últimos é medida pela leitura, habilidade que não está ao alcance de todos, nem mesmo de todos aqueles que foram à escola. Ler, no entanto, é essencial.

A alfabetização tem sido uma questão bastante discutida pelos que se preocupam com a Educação, já que há muitas décadas se observam as mesmas dificuldades de aprendizagem, as inúmeras reprovações e a evasão escolar.

A compreensão da natureza da escrita, de suas funções e usos é indispensável ao processo de alfabetização.

Não tratando adequadamente a escrita e a fala na alfabetização, a escola encontrará dificuldades sérias, para lidar com a leitura. Afinal, a leitura, na sua função mais básica, nada mais é do que a realização do objetivo de quem escreve. O fato de a escola em geral não saber fazer de seus alunos bons leitores traz conseqüências graves para o futuro destes, que terão dificuldades enormes em continuar na escola, onde a leitura se faz necessária a todo instante, e serão fortes candidatos à evasão escolar.

Segundo CAGLIARI (1999, p. 105)

“A motivação da escrita é sua própria razão de ser; a decifração constitui apenas um aspecto mecânico de seu funcionamento. Assim a leitura não pode só ser decifração: deve, através da decifração, chegar à motivação do que está escrito, ao seu conteúdo semântico e pragmático completo. Por isso é que a leitura não se reduz à somatória dos significados individuais dos símbolos (letras, palavras, etc.), mas obriga o leitor a enquadrar todos esses elementos no universo cultural, social, histórico etc. em que o escritor se baseou para escrever”.



O insucesso na escola é resultado de fatores econômicos, biológicos e sócio-culturais. Segundo BAGNO (1999), devido a esse conjunto de fatores, e ao não reconhecimento da diversidade lingüística do Brasil, prejudica a educação, pois a escola tenta impor sua norma lingüística como se ela fosse a única dos brasileiros, onde independe de idade, de sua origem, situação sócio-econômica e de seu grau de escolaridade.

A sociedade ocidental vive atualmente a chamada “crise de paradigmas”. O modelo mecanicista, que vem imperando, desde o século XVII, com sua visão de mundo, está cedendo a um pensamento holístico.

Passou a prevalecer a relação entre seus elementos materiais, ou seja, os elementos só têm sentido se interligados a outros. Agora o que interessa é o contexto, o processo. O mundo começa a ser pensado como uma rede de relações. Entrevêm-se indícios de um novo pensamento, o qual ainda não pode ser considerado um paradigma, pois a sociedade ocidental ainda está em processo de reabsorção das novas idéias

Segundo CAPRA em estudos sobre o saber:

“(....) não existe, no presente momento, uma estrutura conceitual ou institucional, que acomode a formulação de um novo paradigma, mas as linhas mestras de tal estrutura já sendo formuladas por muitos indivíduos, comunidades e organizações que estão desenvolvendo novas formas de pensamento e que se estabelecem de acordo com os novos princípios.”( CAPRA,1989, p.259).

A pedagogia interdisciplinar aparece como uma grande proposta, já que seu objetivo é a promoção e a superação da visão restrita do mundo e a compreensão da complexidade da realidade, ao mesmo tempo resgatando a centralidade do homem na realidade e na produção do conhecimento, de modo a permitir, ao mesmo tempo, uma melhor compreensão da realidade e do homem como um ser determinante e determinado.

Começa-se a falar, entre outras coisas, numa maior articulação entre as disciplinas escolares e a articulação do saber formal escolar e o saber cotidiano, visando a uma melhor contextualização dos conteúdos de sala de aula.

Atualmente, pode-se dizer que os conteúdos que se relacionam com a formação humana do indivíduo e sua inserção no mundo moderno estão mesmo ausentes da cultura escolar. Como superar tais defasamentos? Os questionamentos apontam para um novo modelo de cultura escolar, no qual a formação cotidiana geral do aluno é tão importante, quanto o conhecimento formal apresentado atualmente pela escola, respeitadas as características epistemológicas da cada tipo de saber.

O homem é um ser social, que precisa interagir com seu semelhante. O processo de expressar-se com os outros denomina-se de linguagem. A interação pela linguagem se dá através de textos orais ou escritos. Por isso, um ensino de português que vise o aperfeiçoamento da prática social da interação lingüística, desenvolvendo as habilidades dos alunos de falar, ouvir, escrever e ler têm como base o texto.

A linguagem aparece como a primeira prova do isolamento, atestando seu caráter elitista apesar da suposta neutralidade. Até porque não pode haver neutralidade em educação, uma vez que tanto os professores quanto o planejamento e a prática educativa expressam necessariamente os valores e a ideologia de classe e da sociedade onde estão inseridos. Assumir a não-neutralidade, o compromisso claro com determinados princípios ideológicos seria o primeiro passo para uma escola com identidade, engajada, próxima dos alunos e de sua vida concreta. Mas aí se coloca a questão da linguagem.

A possibilidade do novo na escola passaria, em primeiro lugar, pela abertura à cultura popular, aqui entendida, como a forma segundo a qual o povo tem liberdade para viver, pensar, agir e criar suas próprias manifestações culturais.

Enquanto CAPRA (1989) pontua as necessidades de entender o indivíduo no seu contexto numa visão holística da educação, FREIRE (1988)

ênfatiza o saber informal quando propõe o reconhecimento do bidialetalismo. Somente deste modo poderia haver um redimensionamento do espaço, enquanto categoria sociológica e psicológica, a fim de inserir a escola nas vivências de continuidade satisfatória na vida do aluno.

Antigamente, as aquisições da leitura e da escrita eram separadas, e os métodos existentes, aplicados à educação privada, individual, eram utilizados pelos pais ou preceptor (precursor do professor). Esses mestres tinham formação especializada: uns ensinavam a ler, outros a escrever e outros, ainda, só a contar. “Traçar letras cheias de arabescos, com uma pena de ganso, era muito complicado e caro. Além disso, para o sexo feminino, escrever era considerado moralmente mais perigoso.” (FRAGO, 1993:16)

Considerando a escrita como fator de fixação cultural, passamos a refletir acerca de uma série de aspectos de ordem lógica e que acabaram por determinar e acentuar uma hierarquia social calcada, não em função do desempenho oral do indivíduo, mas na sua capacidade de transmitir através desta, aspectos normativos aplicáveis à escrita.

## 2.2 História da escrita

A história da humanidade encontra-se dividida em dois períodos: o período pré-histórico e o período histórico ou das civilizações. Esta divisão acontece devido a grande importância da escrita, e ela se tornou o marco destes períodos. Ao final do período pré-histórico, o homem inventou a escrita. A escrita foi inventada por volta de 3.300 a.C., a escrita primitiva foi a pictográfica, ou mais precisamente, ideográfica, com sinais para palavras individuais ou conceitos.

Os estudos mais recentes da História têm indicado que a palavra escrita parece ter surgido em sociedades-estado enriquecidas e com um poder muito centralizado, como entre os egípcios ou entre os astecas. Ela teria aparecido primeiro sendo usada pelos escribas, para fazer a contabilidade dos bens dos reis e

faraós. Só mais tarde é que foi usada também pelos poetas para cantarem as coisas da aldeia e de sua gente.

Nas fontes da civilização egípcia, encontramos duas formas de escrita: os célebres hieróglifos egípcios (entalhes sagrados) e a escrita hierática, de uso mais fácil e mais corrente, pois permite fazer anotações rápidas. Talvez se inspiraram na Mesopotâmia, mas desenvolveram uma tradição própria. Particularmente enigmáticos, os hieróglifos deixaram de constituir um mistério quando o francês François Champollion decifrou-os em 1822.

No porto do delta do rio Nilo (Egito), em agosto de 1799, é onde foi encontrada a famosa pedra com a qual o pesquisador francês decifrou o significado dos hieróglifos em 1822. Por muitos séculos, os coloridos hieróglifos, que foram grafados nas construções dos templos dos faraós, intrigaram diferentes povos que estiveram no Egito, era claro que se tratava de um alfabeto, mas não havia pistas para decifrá-lo. Um capitão do exército de Napoleão, chamado Bouchard, comandava soldados que cavavam uma trincheira, onde encontraram na localidade de Rashid (Rosetta), quase às margens do Mediterrâneo, uma estranha pedra com símbolos diversos. Era um bloco de basalto com três inscrições, sendo uma em hieróglifo e as outras em demótico e em grego antigo.

Enviada mais tarde à Europa, essa pedra, foi estudada por Jean-François Champollion que, comparando os hieróglifos com as inscrições em grego e egípcio demótico contidas na pedra, conseguiu decifrar o enigma, pois, se os hieróglifos eram capazes de representar uma palavra estrangeira (Ptolomeu, um nome grego), não podia tratar-se simplesmente de símbolos de objetos: cada um representava um som.

Descobriu-se nesta pedra as numerosas menções do nome Ptolomeu. Com base no nome Ptolomeu, Champollion conseguiu ler outros nomes e descobrir o sentido de todos os signos, abrindo a porta para a moderna egiptologia. Quando morreu em 1832, Champollion já conseguira decifrar grande número de inscrições e textos escritos em papiros.

Graças a esse único homem, “as palavras dos deuses”, segredo outrora bem guardado pela casta dos escribas, foram revelados ao mundo. Esta pedra está, atualmente, no Museu Britânico.

Em 1933, toda Viena foi envolvida por um evento filatélico. Depois de 32 anos, esta exibição, onde grandes filatelistas competiram pela medalha de ouro, foi novamente realizada na cidade.

Uma emissão especial da Áustria, uma série dedicada a “História da Escrita”, foi emitida em 04/06/1965, por ocasião de – Viena International Stamp Exhibition WIPA (Wiener Internationale Postwertzeichenausstellung). Os seis selos ilustram o desenvolvimento da escrita desde os hieróglifos egípcios até a nossa forma de escrever atualmente.

O primeiro selo mostra hieróglifos de um livro egípcio. Nele, os símbolos pictográficos foram organizados de cima para baixo. Embora, antigos egípcios também escreviam da direita para a esquerda ou vice-versa. O selo mostra somente uma pequena parte do Livro da Morte, o qual pertence ao Museu Britânico de Londres e é considerado o mais belo exemplar do tipo.

O segundo selo ilustra a frente de um documento de negócios em escrita cuneiforme. Quatro ou cinco tipos dessas peças eram suficientes para todos os símbolos pictográficos.

O terceiro selo ilustra o alfabeto romano feito em letras maiúsculas e escrito em uma tábua encerada. A escrita quadrada e angular usada originalmente em pedras, somente mais tarde em livros, foi apenas uma das escritas utilizada durante o Império Romano.

O quarto selo ilustra uma escrita gótica, feita à mão, exemplo de um documento de 1353. As escritas góticas se desenvolveram e variaram largamente nos países europeus.

O quinto selo mostra um envelope com uma forma de escrita à mão do século XIX baseada nas minúsculas e góticas do século XVI.

O sexto e o último selo da série, ilustra a máquina de escrever mecânica, na qual a folha de papel é inserida.

A escrita Mesopotâmica, inventada na cidade de Ur, por volta de 3500 a.c. era cuneiforme, ou seja, em forma de cunha. Esses sinais gráficos são na sua maioria sinais silábicos. Por volta de 3000 a.c., os fenícios desenvolveram um alfabeto que foi aperfeiçoado pelos gregos e depois pelos romanos.

Na China, há cerca de 4500 anos já havia material escrito que serviu de alicerce para o alfabeto que fortaleceu a cultura ocidental, cultura esta, que somente no século XVI passou a utilizar uma escrita alfabética com características próprias.

Textos antigos, manuscritos medievais árabes oferecem uma larga escolha de genealogias – lista de nomes que indica os antepassados ou os descendentes de um indivíduo; ou simplesmente um registro de nomes das pessoas envolvidas em dada situação. Antes de chegar ao estado atual, a escrita teve a função de fixar, registrar e arquivar a linguagem hoje conhecida e reconhecida como linguagem escrita.

### 2.3 Escola e Leitura

A escola é conhecida como uma instituição a serviço de uma sociedade cuja finalidade é promover a capacitação e integração social de cidadãos promovendo aptidões quanto a capacidade de ler e escrever. Na escola a leitura deverá ocupar um lugar de destaque, não somente pelas funções escolares próprias que devem ser atingidas, mas pela essência dos atos de educar e de ler, que objetivam compreender a razão de ser das coisas. Desse modo, a escola deve incumbir-se desse despertar do aluno através da leitura.

O professor deverá assumir a função de auxiliar ao aluno na prática da leitura como processo de manifestação e compreensão da sociedade. Desse modo, o papel da escola deve ser complementado pelos intentos dos agentes na dinâmica da aprendizagem. É no âmbito escolar que o processo de aprendizagem à leitura ganha seu primeiro significado, apontando os efeitos que devem ser conseguidos pelo trabalho pedagógico na área de formação e preparo de leitores.

A importância da leitura no universo do aluno, com suas diferentes aplicações, só poderá ser entendida quando analisada dentro de uma visão muito mais abrangente a respeito do papel da leitura na vida do homem. Podemos analisar a leitura e seu desenvolvimento em um indivíduo segundo diferentes pontos de vista e diferentes abordagens: aspectos comunicativos, psicológicos, pedagógicos, literários, lingüísticos, sociais e outros aspectos mais específicos. No entanto, a sua importância na vida de um ser humano vai muito além de um desses aspectos em separado.

A leitura está associada à difusão da escrita. Quando a escrita começou a sua propagação pelas nações e se fixou na folha, isto é, no livro, deu-se origem à leitura na perspectiva atual. Foi através desta expansão de livros impressos que todos os povos tiveram contato com diferentes tipos de escrita (romances, textos informativos, contos, poemas, etc.) e passaram a conhecer a cultura, assim como foram influenciados por ela.

Saber ler, escrever e até interpretar tornou-se condição básica para estar em harmonia com a realidade, onde ler é indispensável.

#### 2.4 Do mundo da leitura para a leitura do mundo

Segundo FREIRE (1988, p.8)

“aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”.

Com base nesse conceito, fica claro que existe um abismo entre o ser “letrado” e aquele que “sobrevive” das suas leituras de mundo. É notório que faz diferença o domínio do conhecimento formal, do alfabetizado com criticidade para quem não tem alguma.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura deste não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

“Do mundo da leitura à leitura do mundo, o trajeto se cumpre sempre, refazendo-se, inclusive, por um vice-versa que transforma a leitura em prática circular e infinita. Como fonte de prazer e de sabedoria, a leitura não esgota seu poder de sedução nos escritos círculos da escola. (LAJOLO, 1994 p.7)

Ao estudar o aspecto social do aluno, e a influencia deste na sua leitura de mundo jamais podemos deixar de mencionar um aspecto, no mínimo intrigante. Estariam os nossos pedagogos sendo preparados para compreender cientificamente o fenômeno da linguagem humana e trabalhá-la de forma que cada criança que venha por ventura a ser sua aluna de prosseguimento a sua evolução lingüística natural? Estaria a escola sendo realmente uma ferramenta de libertação e desenvolvimento do senso crítico e lingüístico dos nossos alunos?

Entendemos como texto uma ocorrência lingüística falada ou escrita de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal. Ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer de nossas aulas.

## 2.5 A leitura e a escrita em destaque

Pode-se claramente inferir que no que concerne as questões escritas do idioma português há um processo de aquisição da escrita que ignora a interferência do aprendiz, na construção e testagem das suas hipóteses de representação gráfica da escrita. Esta prática mecânica e periférica, centrada nas



habilidades motoras de produzir sinais gráficos e, mais adiante, na memorização pura e simples de regras ortográficas gera a falsa impressão de que não saber escrever é sinônimo de escrever com erros ortográficos.

Outra questão é a subdivisão que há entre o processo lingüístico da leitura e a escrita. Nas escolas a leitura é vista de forma dissociada da escrita o que faz com que o aluno seja privado de desenvolver bem as duas habilidades.

Se a atividade de leitura é centrada nas habilidades mecânicas de decodificação da escrita, sem dirigir, contudo, a aquisição de tais habilidades para a dimensão da interação verbal – quase sempre nestas circunstâncias, não há leitura, porque não encontro com ninguém do outro lado do texto. Obviamente, este desencontro gera desinteresse, pois a leitura aparece totalmente desvinculada dos diferentes usos sociais que o aluno possa fazer desta em sua realidade.

Quando a prática da leitura transforma-se em algo sem gosto e sem prazer, convertida em momento de treino, de avaliação ou em oportunidade para futuras cobranças, o ato de ler, é, assim reduzido a momentos de exercícios, sejam aqueles da leitura em voz alta, realizados quase sempre com interesses avaliativos, sejam aqueles que têm de culminar com a elaboração das fichas de leitura.

A escola deve preparar o aluno de forma que ele perceba como o ato de ler enriquece e amplia seus horizontes na direção do conhecimento do mundo e de si próprio. Ele deve perceber que o texto não nasce pronto, e que para redigir, é preciso reunir conhecimentos baseados nas normas da escrita.

É papel da escola e, em conseqüência dos educadores, desenvolver as relações entre leitura e indivíduo em todas as suas formas, com destaque ao texto literário. Trabalhando com a leitura a escola formará leitores críticos, conscientes dos seus direitos e deveres.

O professor de Português deve dispor de uma noção ampla de linguagem, que inclua seus aspectos sociais, psicológicos, biológicos, antropológicos e políticos. Ele deve ser usuário competente da modalidade culta da Língua

Portuguesa. Deve nesse sentido, ser uma espécie de poliglota: precisa dominar competentemente várias modalidades de linguagem de forma que se disser *nóis vai* e se escrever *paçarinho*, irá fazê-lo por opção consciente e não por desconhecimento de outras opções.

A crise de leitura na escola é ao mesmo tempo *quantitativa*( é pequeno o número de livros que circula entre os estudantes) e *qualitativa*( o modo de leitura que a escola patrocina parece inadequado). Postula-se a idéia de que a solução é a qualidade do texto oferecido ao aluno. Não é. Porque a qualidade é imprescindível, mas não é tudo.

Deve-se considerar a interação leitor-texto numa mesma esfera de cultura, esfera essa, que inclui a língua e privilegia os vários usos daquela língua que constituem a tradição literária de uma determinada comunidade. Portanto, incluir textos considerados como bons e superiores entre os textos escolares não soluciona a crise de leitura.

As atividades de leitura devem levar o aluno observar realmente o significado do texto não confundindo o que o texto diz mas no modo como o texto diz o que diz.

“Entre as atividades hoje mais freqüentemente sugeridas para despertar e desenvolver o gosto (quase sempre chamado de hábito) pela leitura, encontram-se a transformação de texto narrativo em roteiro teatral e subseqüente encenação; a reprodução em cartazes ou desenhos, do tema, da história ou de personagens do livro; a criação, a partir de sucata, de objetos ou colagens de alguma forma relacionados à história; as pesquisas que aprofundam algum tópico que o texto aborda; o prosseguimento da história, sua reescritura com alteração do ponto de vista, entrevista (real ou simulada) com autor ou personagens do livro; jogral ou coro falado quando se trata de poemas; e tantas outras, familiares a quem tem intimidade com a literatura infantil.” (LAJOLO, 1999:7)

A atividade de leitura anteriormente individual e reflexiva, tornou-se hoje em consumo rápido de texto, em leitura dinâmica que, exige mais e mais a produção de novos textos. O ato de ler é atualmente sugerido e orientado por profissionais de leitura, como professores, bibliotecários e animadores culturais.

A prática de leitura precisa de maior liberdade possível, respeitando o prazer ou a aversão de cada leitor em relação a cada livro.

Também não confundir língua com escrita, já que são dois sistemas distintos. A escrita representa um estágio posterior de uma língua, tanto que muitas pessoas utilizam a língua sem saber utilizar a forma escrita. Basta lembrar os analfabetos. Há ainda muitas línguas ágrafas, isto é, línguas que não são representadas por nenhuma forma de escrita. Existem no mundo todo aproximadamente 3 mil línguas, das quais apenas 110 possuem escrita.

Como a mais recente das linguagens, a Informática complementa e serve de arcabouço tecnológico para as várias formas de comunicação tradicional.

A leitura é uma forma de comunicação entre os seres. O uso da leitura é essencial para toda e qualquer disciplina curricular e não apenas para a língua portuguesa. Quando se decodifica símbolos ou sinais e existe um entendimento, isto é “leitura”. Esta, precede a escrita. Os primórdios da educação no Brasil, datam do século XVI com a vinda dos jesuítas.

O ensino de português no Brasil, baseia-se na norma gramatical de Portugal e as regras aprendidas na escola, boa parte não corresponde à língua que falamos e escrevemos, por isso torna-se difícil, pois a língua não pode sair do triângulo escola-gramática-dicionário, a saída deste, é considerado erro rudimentar. Existe a falta de respeito pelo conhecimento intuitivo do aluno, da valoração do que já sabe do mundo, da vida, não reconhece na língua que ele fala a sua própria identidade como ser humano.

PERINI (1997) sugere um desafio que é fazer com que o aluno aprenda a manejar a língua e não a gramática. O receptor tem que colocar em jogo seu conhecimento do mundo, localizar a parte desse conhecimento que é relevante para a compreensão do texto em questão e construir as “pontes” de sentido que amarram o texto, fazendo dele uma unidade.

Articulando teoria e prática, o trabalho com o conhecimento, o conhecimento formal e o conhecimento informal, o professor construirá junto com os alunos reformulações aplicáveis a sua prática dentro de um contexto mais real. Escrever é interagir. Interage quem tem o que dizer, a quem dizer e para que dizer. Ensinar o aluno a escrever é ensiná-lo a produzir texto em uma real situação de comunicação.

Num sentido amplo, a gramática deveria se preocupar com as leis naturais que regulam a língua, ou seja, com aquelas regras intrínsecas que nos permitem usá-la com finalidade comunicativa. Relembramos que essas leis naturais não são aprendidas na escola: todo falante de uma língua já as conhece desde a mais tenra idade, embora não saiba explicitá-las. São essas leis naturais que nos permitem construir e decodificar enunciados significativos. É lamentável que a escola não explore o conhecimento que os alunos já têm dessas regras intrínsecas para desenvolver sua capacidade expressiva.

Segundo o que preconiza os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1977), o ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa deve ter como pontos de partida e de chegada o uso da linguagem; partindo dessa aprendizagem dos pressupostos de que a aquisição e o uso da leitura e da escrita devem ter como foco a compreensão e a interlocução ativa com as mensagens processadas nos diversos contextos.

É papel da escola e, em conseqüência dos educadores, desenvolver as relações entre leitura e indivíduo em toda as suas formas, com destaque ao texto literário. Em se tratando do texto literário na sala de aula, é necessário que se reflita bastante sobre alguns traços que modernas pedagogias e certos modelos de escola renovada imprimiram à educação, principalmente ao ensino de literatura.

“As práticas de linguagem são uma totalidade e que o sujeito expande sua capacidade de uso de linguagem e de reflexão sobre ela em situações significativas de interlocuções, as propostas didáticas de ensino de Língua Portuguesa devem organizar-se tomando o texto (oral ou escrito) como unidade básica de trabalho, considerando a diversidade de textos que circulam socialmente. Propõem-se que as atividades planejadas sejam organizadas de maneira a tornar possível a análise crítica de

discursos para que o aluno possa identificar pontos de vista, valores e eventuais preconceitos neles veiculados.” (PCN/LP, 1997:16)

JOLIBERT (1994) afirma que o ato de escrever deve se concretizar em uma atmosfera que traduza o prazer de escrever:

“prazer de inventar, de construir um texto, prazer de compreender como ele funciona, prazer de buscar as palavras, prazer de vencer as dificuldades, prazer de encontrar o tipo de escrita e as formulações mais adequadas à situação, prazer de progredir, prazer de tarefa levada até o fim, do texto bem apresentado.” (PCN/LP,1977:16)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1977) para a área de língua portuguesa tem objetivo do trabalho com a leitura:

“formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos, que estabeleça relações entre o texto que lê e outros já lidos, que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos.” (PCN/LP,1977:54).

O objetivo do trabalho de produção de textos é a formação de escritores competentes. De acordo com os PCN/LP,

“um escritor competente é alguém que ao produzir um discurso, conhecendo possibilidades que estão postas culturalmente, sabe selecionar o gênero no qual seu discurso se realizará escolhendo aquele que for apropriado a seus objetivos e à circunstância enunciativa em questão. (...) é alguém que sabe elaborar um resumo ou tomar notas durante uma exposição oral; que sabe expressar por escrito seus sentimentos, experiências ou opiniões. Um escritor competente é, também, capaz de olhar para o próprio texto como um objeto e verificar se está confuso, ambíguo, redundante, obscuro ou incompleto. Ou seja: é capaz de revisá-lo e reescrevê-lo até considerá-lo satisfatório para o momento.” (PCN/LP,1977:65).

É importante verificar que na Constituição Federal do Brasil (1988), está assegurado o direito ao acesso a escola, no entanto, não basta dispor desse acesso, é preciso ter êxito através dela, ou seja: se uma pessoa tem esse acesso garantido, entretanto sai da escola sem as condições necessárias para ascender socialmente, esta instituição perde seu sentido, criando um desestímulo por parte dos alunos que não encontram na escola um ensino consistente que resulte em garantia de uma posição social satisfatória.

Faz tempo que o modelo brasileiro passa longe das reais necessidades sócio-político-econômicas do país, começando pela baixa qualidade do ensino.

A legislação é falha, porque segundo DEMO (1977), não analisa toda questão moderna da educação, ou seja, ela como causadora da modernidade. O conhecimento foi transformado pelo mercado neo-liberal, na principal energia de competitividade e isso tem provocado conseqüências graves, como o desemprego.

A questão da aprendizagem não foi discutida na LDB (1996) que confunde educação com ensino. Não discute por exemplo o tipo de educação que precisamos ter no futuro.

A lei define qual a função e o papel do Estado no processo educacional deixando claro o compromisso neo-liberal de um estado que está diminuindo de tamanho e que não consegue mais ocupar o espaço que teve. Esta postura do Estado tem preocupado muito os educadores que ficam se perguntando como ficará a educação pública e o compromisso com as classes populares.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990), a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho assegurando-lhes:

- “I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II – direito de ser respeitado por seus educadores;
- III – acesso a escola pública e gratuita próxima de sua residência.”

A Educação é mais do que um dos direitos da cidadania; é antes de tudo, condição para o exercício da cidadania. Sem a educação os direitos civis, políticos e sociais não se concretizariam porque se não se consegue a leitura e compreensão destes, muito menos a sua prática.

É inegável o papel preponderante dos livros na formação de gerações, onde sabemos que muitos valores foram adquiridos através da tradição literária, referência marcante e constante na descoberta e aprofundamento de conceitos

existenciais. Em tempos modernos a diversidade e disseminação de recursos tecnológicos de comunicação, têm relegado a leitura e produção de texto como atividade secundária, tanto no ambiente escolar como no convívio familiar.

Convictos da responsabilidade de oferecer e garantir ao aluno o acesso ao conhecimento, incentivaremos os nossos alunos a desenvolver o gosto pela leitura e a importância desta, na melhoria de qualidade de vida. Despertaremos simplesmente o prazer de ler e escrever.

FREIRE chama a atenção para:

“... o problema da sintaxe da classe trabalhador e da nossa sintaxe. O menino proletário tem que, em primeiro lugar assumir a legitimidade de sua linguagem, (...) contra a qual há toda uma barreira de classe, e essa é tarefa do educador... Proponho que o ensino da sintaxe dominante parta do reconhecimento da validade da sintaxe popular.” (FREIRE, 1995, p.7).

Somente desse modo poderia haver um redimensionamento do espaço, enquanto categoria sociológica e psicológica, a fim de inserir a escola nas vivências de continuidade satisfatória na vida do aluno.

Motivados positivamente, crianças, jovens e adultos das camadas populares e atualmente também de outras classes sociais, conseguiriam sentir a escola como um espaço seu, teriam real prazer em aprender e fariam maior esforço em permanecer na escola, apesar das dificuldades que enfrentam fora dela.

### 3 ASPECTOS METOLÓGICOS

Na análise das possíveis interações da sociedade sobre o domínio lingüístico observamos que a sociedade não reconhece as diferenças internas, a qual o preconceito impera disfarçadamente e que tem uma das piores distribuições de renda; a esse conjunto de fatores, e ao não reconhecimento da diversidade lingüística do Brasil, a escola tenta impor sua norma lingüística independente de idade, origem geográfica, situação sócio – econômica e até seu grau de escolaridade.

No Brasil, porém, apesar da maioria da população falar o português apresenta uma grande diversidade, não pela grande extensão territorial, nem pelas diferenças regionais sendo esta última vítima de alguns preconceitos, mas sim pela grande injustiça social, São as diferenças de status sociais que explicam a existência da diferença lingüística entre as cidades, os estados e o nosso país,

A pesquisa-ação não é apenas uma orientação de ação emancipatória e voltada para grupos sociais das classes populares e/ou dominadas. Associada a diversas formas de ação coletiva visa a resolução de problemas primando a transformação.

“A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou, participativo.” (THIOLLENT, 2000, p.14)

Quando se define a pesquisa-ação, se estabelece a relação entre o objetivo prático levantando soluções e propostas de ação para transformar a situação e o objetivo do conhecimento obtendo informações por meio de outros procedimentos. Com maior conhecimento a ação é melhor conduzida, enfatizando um dos três aspectos: resolução de problemas, tomada de consciência ou produção de conhecimento que poderão ser alcançados simultaneamente, dependendo do amadurecimento metodológico.



A metodologia das ciências tem papel preponderante na organização e conduta de uma pesquisa-ação. É uma disciplina, e tem como objetivo analisar as características dos métodos disponíveis, avaliar as capacidades, potencialidades, limitações ou distorções e criticar os pressupostos ou as implicações de sua utilização. O estudo da metodologia dá ao pesquisador o conhecimento geral e a habilidade, orientando-o no processo de investigação a tomar as decisões oportunas, selecionar conceitos, hipóteses, técnicas e dados adequados. Além disso, é base para o ideal da pesquisa científica.

### 3.1 Método

O projeto de pesquisa-ação nasceu da necessidade de despertar o gosto pela leitura e criar o hábito dessa prática, nos alunos da 3ª etapa da 2ª fase – EJAEF da Escola Estadual Professor Manoel Franco Freire.

A estrutura de raciocínio da pesquisa é constituída pelo pensamento, comparação de informações, articulação de conceitos, avaliação e discussão de resultados, generalizações, etc. Este raciocínio é valorizado pelos pesquisadores sobretudo as regras formais e os critérios estatísticos numa linha convencional; já na linha alternativa são mais flexíveis. A pesquisa-ação não se preocupa muito com questões metodológicas relacionadas a formalização ou a lógica em geral.

Na pesquisa-ação, há como o próprio nome aponta, uma ação por parte dos pesquisadores, ação esta, problemática, que mereça investigação para ser elaborada e conduzida. Assim, os pesquisadores têm papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e avaliação, das ações, organizando assim sua ação. É por isso que na pesquisa-ação, deve-se definir com precisão a ação, seus agentes, seus objetivos e obstáculos.

“Embora seja incompatível com a metodologia de experimentação em laboratório e com os pressupostos do experimentalismo (neutralidade e não-interferência do observador, isolamento de variáveis, etc.), a pesquisa-ação não deixa de ser uma forma de experimentação real, na qual os pesquisadores intervêm conscientemente. Os participantes não são reduzidos a cobaia e desempenham um papel ativo. Além disso, na pesquisa em situação real, as variáveis não são isoláveis. Todas elas interferem no que está sendo observado. Apesar disso, trata-se de uma

forma de experimentação na qual os indivíduos ou grupos mudam alguns aspectos da situação pelas ações que decidiram aplicar. Da observação e da avaliação dessas ações, e também pela evidenciação dos obstáculos encontrados no caminho, há um ganho de informação a ser captado e restituído como elemento de conhecimento.” (THIOLLENT, 2000, p. 21).

Por ser um método com aspectos de conscientização, aprendizagem, afetividade, criatividade, etc. à pesquisa-ação, não se aplica o esquema tradicional de formulação de hipóteses (coleta de dados), comprovação (ou refutação) de hipóteses, por não ser possível isolar variáveis porque trabalha com situações concretas de problemas identificados na situação investigada.

“Dentro da concepção da pesquisa-ação, o estudo da relação entre saber formal e saber informal visa estabelecer (ou melhorar) a estrutura de comunicação entre os dois universos culturais: o dos especialistas e o dos interessados. Para simplificar, incluímos entre os especialistas os técnicos e os pesquisadores, o problema abrange o relacionamento de três universos. Eventualmente, o problema é mais complicado quando existem diversas categorias de pesquisadores e de outros especialistas envolvidos no assunto.” (THIOLLENT, 2000, p. 67).

A definição do tema da pesquisa é o momento de designar o problema prático e a área do conhecimento a ser abordada. Na maioria das vezes, o tema é escolhido com base em compromissos assumidos entre a equipe de pesquisadores e os sujeitos da ação investigada. Portanto o tema deve tanto interessar aos pesquisadores como aos sujeitos investigados, para que todo desempenhem um papel eficiente no desenvolvimento da pesquisa. Neste mesmo momento ainda, um marco teórico específico é escolhido para nortear a pesquisa-ação. Assim, nesta fase, faz-se necessário também a pesquisa bibliográfica.

Junto com a definição do tema, é o momento de definir uma problemática na qual o tema escolhido ganhe sentido. O projeto de pesquisa-ação precisa estar articulado dentro de uma determinada realidade com um quadro de referência teórica que é adaptado de acordo com o setor em que se dá a pesquisa. As informações que serão levadas ao seminário devem, portanto, ser interpretadas à luz de uma determinada teoria.

Uma pesquisa-ação pode abranger uma comunidade geograficamente concentrada ou espalhada. A questão da amostragem ou da representatividade é

fator discutível: alguns excluem a pesquisa por amostra; outros recomendam o uso de amostragem; e uma terceira posição ainda, consiste na valorização de critérios de representatividade qualitativa.

A pesquisa-ação é um método que agrega várias técnicas da pesquisa social de maneira ativa e participativa na captação de informações em cada fase ou operação do processo da investigação. Esse processo apresenta qualidades que não são encontradas em processos convencionais como por exemplo informações que não seriam obtidas numa observação passiva.

A pesquisa social empírica adota um esquema hipotético baseado em comprovação estatística e experimentalismo. Este último é o meio pelo qual o pesquisador testa cada hipótese em laboratório servindo para comprovar as teorias independentemente do experimentador. A validade do experimento baseia-se na repetição dos resultados. Mas existem algumas críticas e pontos negativos relacionados ao experimentalismo como por exemplo: a impossibilidade de isolar, no experimento ou no local de observação social, os fatores intervenientes que dependem do contexto social ou histórico.

Nem todas as hipóteses precisam ser testadas e os profissionais estatísticos distinguem a “hipótese científica” e a “hipótese estatística”.

“Uma hipótese científica é uma sugestão de solução a um problema e constitui um tateio inteligente, baseado em uma ampla informação e em uma educação, estruturada subjacente.(...) A formulação de uma boa hipótese científica é um ato realmente criativo. Por outro lado, a hipótese estatística não é senão um enunciado a respeito de parâmetro desconhecido. (...) é de suma importância distinguir a hipótese científica da estatística, já que é muito factível provar ou contrapor hipóteses estatísticas muito reduzidas e sem a menor relevância científica.” (GLASS e STANLEY in THIOLENT, 2000, p.35).

A pesquisa-ação, pela sua orientação prática pode ser aplicada em diversas áreas de atuação. Na área educacional, passa a ser bastante difundida pela desilusão da pesquisa convencional cujo resultado é distante da situação atual e por apresentar basicamente avaliação de rendimento escolar.

No Brasil, a pesquisa participante vem crescendo consideravelmente nesta área e a pesquisa-ação, focaliza ações ou transformações específicas, permitindo a participação dos usuários do sistema escolar na busca de soluções aos seus problemas; com a orientação metodológica os pesquisadores em educação, produzem informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico.

A compreensão da situação, a seleção dos problemas, a busca de soluções internas, a aprendizagem dos participantes, todas as características qualitativas da pesquisa-ação não fogem ao espírito científico. O qualitativo e o diálogo não são anticientíficos. Reduzir a ciência a um procedimento de processamento de dados quantificados corresponde a um ponto de vista criticado e ultrapassado, até mesmo em alguns setores das ciências da natureza.

Portanto, assim como nas outras pesquisas da linha interpretativista, a substancialidade dos pesquisadores não é total, pois o que cada pesquisador observa e interpreta nunca é independente da sua formação, de suas experiências anteriores e do próprio “mergulho” na situação investigada.

### 3.2 Procedimentos metodológicos

Consciente de que o principal objetivo é oferecer aos alunos a oportunidade de se tornarem agentes capazes de enriquecer os seus conhecimentos, elaboramos e executamos o plano temático “Ler é o primeiro passo, gostar de ler é uma decisão e escrever é o sonho realizado” que culminou com a realização do seminário “Leitura e produção de texto”

Pretende-se trabalhar com uma metodologia mais dinâmica, mais prazerosa, mais criativa, partindo do conhecimento individual, dando chance ao aluno de no primeiro momento relatar fatos ou acontecimentos, valorizando a expressão oral.

Foram apresentados textos interessantes de gêneros variados como jornalísticos, literários, poéticos, alguns do cotidiano da clientela e outros práticos e buscou-se despertar o gosto pela leitura.

Ao se trabalhar com aulas expositivas exercitou-se uma das funções da leitura que é a função social da comunicação, criou-se oportunidades para a participação do aluno que poderá ser através da interpretação oral, escrita ou com expressão corporal.

Programou-se e executou-se novas práticas de ensino na língua portuguesa. Proporcionou-se ao aluno um mergulho no mundo da imaginação. O aluno participou de uma atividade lúdica onde não se sentiu “cobrado” e o resultado foi maior socialização, respeito mútuo, senso de responsabilidade e interação.

Os alunos fizeram uma pesquisa para descobrir como surgiu a escrita, quais as diversas formas de escrita, de que maneira as variantes lingüísticas e os aspectos sociais interferem na leitura e na escrita.

Numa análise entre a cultura popular e cultura erudita, levou-se o aluno a perceber a importância da leitura e a reestruturação e ( re ) escrita do texto produzido obedecendo as normas gramaticais.

Foi realizado um Seminário no dia 17 de maio de 2005 cujo tema foi: LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO. O projeto de pesquisa-ação teve a duração de 30 dias e como produto final a 1ª Mostra de Produção Textual dos alunos do Franco Freire / 2ª Fase. Durante este período os alunos foram incentivados de forma criativa e gradual para a execução da tarefa com material variado, tipo revista, jornal, música, literatura de cordel, textos fragmentados e poesias.

### 3.3 A prática escolar

O projeto de pesquisa-ação foi desenvolvido com base no Plano Temático:” Ler é o primeiro passo, gostar de ler é uma decisão e escrever é o sonho realizado”, que se encontra nos anexos. Surgiu da necessidade de incentivar os

alunos à prática da leitura porque percebeu-se que os alunos não gostam de ler ou não foram habituados a isso, conseqüentemente não gostam e dizem que não sabem escrever. Foi executado, seguindo alguns momentos

No primeiro momento os alunos foram comunicados sobre a proposta metodológica a qual foi aceita com entusiasmo;

No segundo momento foi realizada uma reunião com a direção da escola para a apresentação do projeto de pesquisa-ação;

No terceiro momento uma reunião com o corpo docente buscando sensibilizar toda a comunidade escolar e solicitar o apoio necessário para a realização do seminário e a mostra de produção textual.

No quarto momento foi realizado o seminário com o tema: Leitura e Produção de Texto e a 1ª Mostra de Textos dos alunos da 3ª etapa – 2ª fase. A palestrante foi a professora Zilma Elma Melo Lima e o relatório sobre o evento encontra-se nos anexos, juntamente com algumas fotos.

Durante este período os alunos tiveram um contato maior com os diversos tipos de leitura. Os textos em alguns momentos eram levados pela professora e outros levados pelos alunos atendidas as suas preferências como romances, revistas, letras de música. Observou-se que quando se trabalhou com jornais houve uma preocupação de se estabelecer a diferença entre o texto editorial, as manchetes, a notícia, os panfletos e propagandas.

Notou-se que no início alguns alunos não demonstraram o mesmo entusiasmo de quando foi apresentada a proposta, mas com certa habilidade as aulas foram transformadas em debates, interpretações, foram executadas músicas conhecidas, leitura fílmica e algumas visitas à Sala de Leitura. Para essas músicas primeiro eram apresentados os poemas que eles diziam não conhecer e posteriormente a execução em CD. Entusiasmo geral e aí se davam as produções orais ou escritas.

Com relação ao seminário houve um envolvimento total desde a confecção do cartaz e o convite até a participação no evento. Os alunos foram incentivados a participar de todas as fases do projeto até porque a avaliação e nota estava atrelada à participação. Foram produzidos textos relatando sobre o seminário e ficou demonstrado nitidamente que com a execução do projeto o objetivo foi alcançado em grande parte tanto que foi solicitado o prosseguimento para a próxima unidade escolar como também a realização de mais seminários.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca incessante do querer conhecer mais sobre o universo que envolve o homem, é certamente fruto da constante investigação observada na natureza humana. Entretanto, descortinar o processo oculto em determinado objeto de estudo, possivelmente que se percorrerá caminhos que constituem em desafio para materialização das pretensões estipuladas

Portanto, detectar e compreender as diversas relações (sem transparência) de um delimitado campo de pesquisa, é evidentemente uma tarefa difícil de executar, uma vez que não se deve violar os caminhos e as regras do processo para se alcançar as intenções.

Neste sentido, debruçar nas pretensões deste estudo, implicou em longas horas de atenção e dedicação ao mesmo, porém a concretização deste trabalho possibilitou o enriquecimento das idéias e ampliação do conhecimento. Delineou-se inicialmente uma contextualização da evolução histórica da escrita e da leitura até aos dias atuais, elucidou-se o pensamento dos autores que abordam a temática deste estudo, diante da possibilidade de fornecer uma base de sustentação teórica para a análise do objeto trabalhado, bem como as bases legais da Constituição, da LDB, do ECA e dos PCNs.

Conseqüentemente, dentro do objetivo central deste estudo, ressalta-se a seguinte observação: O aluno não gosta de ler porque não desenvolveu o hábito e nem o gosto pela leitura. Sabe-se que a escola é um dos ambientes onde o aluno vem aprender “algumas coisas” portanto, é importante frisar que a prática da leitura patrocinada pela escola deve ser prioridade desde a alfabetização. É fundamental o aluno ler não só histórias, mas também outros tipos de textos, incluindo problemas de matemática, provas e instruções de trabalhos. (Muitos alunos deixam de resolver problemas de matemática não por não conseguirem efetuar as contas, mas por terem dificuldade em ler seus enunciados).

No entanto, fatores alheios a escola são determinantes para o fracasso ou para o êxito escolar. O estímulo à leitura tem sido uma das metas básicas da



educação, e é por esta razão que as escolas vêm buscando melhorias e sucessos no ensino da leitura, através de projetos de incentivo e de uma metodologia mais dinâmica onde o aluno tem um espaço aprazível e tem o direito de escolher as suas próprias leituras de acordo com as suas leituras anteriores e interesses não sendo obrigado a uma leitura coletiva e obrigatória que tem como consequência o desprazer.

Quando a leitura é feita de forma mecânica e sem envolvimento do leitor, não há entendimento porque ao pegar um texto existe toda uma intenção e interesse seja literário, científico, entretenimento, notícia, etc. com base na sua leitura de mundo.

A leitura é complementar à fala e não o seu oposto. É dentro da escola que se tenta despertar o gosto pela leitura e o prazer de escrever. A leitura leva à aquisição da cultura, mas é a cultura que explica muito do se lê, não o significado literal de cada. Uma pessoa que não conhece uma cultura tem dificuldade em ler textos produzidos por ela, mas, para adquirir os conhecimentos dessa cultura, é interessante não só ler o que os outros disseram a respeito dela, mas o que ela mesma produziu.

Numa sociedade de “culturas diferentes”, questiona-se: o que se lê e para que se lê. Segundo LAJOLO(1994,p. 7)

“Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode(nem costuma) encerrar-se nela”.

É papel preponderante do professor enquanto articulador desta atividade proporcionar ao aluno leituras variadas através de técnicas agradáveis que possam dar ao aluno o prazer de ler. Lendo, conhecendo e interpretando o texto é o passo inicial para a produção textual.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é como se faz.** São Paulo, Loyola, 1999.

BRASIL, Ministério da Ação Social/ Centro Brasileiro para a Infância e a Adolescência. **Estatuto da criança e do adolescente.** JB, 2003. 175 p.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental, **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & lingüística.** 8 ed. São Paulo, Scipione, 1995. 189 p.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação.** São Paulo, Cortez, 1989. 259 p.

DEMO, Pedro. **A nova LDB: ranços e avanços.** Campinas: Papirus, 1997.

FRAGO, Antonio V. **Alfabetização na história e na sociedade.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1993

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** 44 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1995. 155 p.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** 4 ed. São Paulo: Ática, 1999.

TERRA, Ernani. **Linguagem, língua e fala.** São Paulo: Scipione, 1997.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 2000.

VIEIRA, Evaldo. **Sociologia da educação – reproduzir e transformar.** 3 ed. São Paulo: FTD, 1998.

[www.paratexto.com.br](http://www.paratexto.com.br) – acesso em 22 de julho de 2005.

## ANEXOS E APÊNDICES

**UNIVERSIDADE TIRADENTES  
PRÓ-REITORIA ADJUNTA DE GRADUAÇÃO  
PROGRAMA ESPECIAL DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA PARA PORTADORES DE  
DIPLOMA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR**

**PLANO TEMÁTICO**

**I. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

**DA ESCOLA**

Nome da Instituição: Escola Estadual Professor Manoel Franco Freire

N.º de alunos: 43

Série: 3ª Etapa-2ª Fase

Turno: Noturno

Título do Projeto de Pesquisa: “A importância da leitura para a produção de texto”

**DO ESTAGIÁRIO**

Título do Plano Temático: “Ler é o primeiro passo, gostar de ler é uma decisão e escrever é o sonho realizado.”

Professor Estagiário: Tânia Maria Cardoso de Barros

Período: abril/maio.

**II. DESCRIÇÃO DO TEMA**

1. Origem e Importância do Tema

Na sociedade letrada, torna-se uma questão prioritária o domínio da leitura, seja através dos códigos mais antigos, seja através dos recursos tecnológicos. É importante perceber que uma das funções da leitura é a comunicação entre as pessoas e o mundo civilizado e que, através da escrita o homem torna-se “cidadão”.

A leitura pode ser vista como um mergulho no mundo da imaginação e conseqüentemente um convite à escrita de forma criativa.

Na escola existe uma Sala de Leitura com um acervo razoável de livros, onde, durante o período de 1998 a 2001, atuei como dinamizadora num projeto desenvolvido pela SEC-DEA, cujo objetivo principal era desenvolver o gosto pela leitura.

Nesse espaço, o aluno acostumado à mídia de massa, não via a leitura como uma necessidade, nem mesmo como uma forma de entretenimento, era incentivado e até estimulado de forma amigável e não obrigatória, a mergulhar no mundo da imaginação; só mais tarde, ele iria produzir texto, mas entendendo como um processo natural de que para escrever bem (de acordo com a norma culta) era preciso ler, e ler muito.

Na área de português, percebemos a dificuldade destes alunos que não desenvolveram o gosto pela leitura. Pretendemos juntos encontrar caminhos viáveis para a solução desta questão, estimulando a oralidade, relatando as suas vivências e leituras de mundo.

Evidenciamos que a produção de texto é baseada em vários critérios que obedecem a uma certa relevância voltada principalmente para o conhecimento da leitura, que deve ocorrer de forma sistematizada e que permite o aluno construir visões de mundo.

## **2. Questões que Envolvem**

O nível de conhecimento do aluno depende da sua condição de leitura e consciência sobre a importância do ato de ler. Assim, faz-se necessário o levantamento de algumas questões:

- Existe a escrita sem leitura?
  
- Como surgiu a escrita?
  
- O que é leitura?

- Quais são os tipos de leitura?
- Como o aspecto social interfere na leitura e na produção textual?
- Como incentivar o aluno na produção de textos criativos?

### **III. OBJETIVOS**

#### **1 Em Relação ao Tema:**

- Analisar a relação entre a leitura e a escrita.
- Explicar a formação, o surgimento e a necessidade da escrita.

#### **2 Em Relação ao Aluno**

- Compreender a importância e o uso da leitura e da escrita como instrumento fundamental de uma boa comunicação entre as pessoas no cotidiano da vida dos sujeitos em sociedade.
- Analisar a influência do aspecto social na leitura e produção textual.
- Reestruturar textos.
- Melhorar a condição de leitura do aluno através de textos variados, visando um aprendizado melhor com relação a produção de texto

#### **3 Contextualização e Interdisciplinaridade**

A leitura não é um ato solitário e isolado dos problemas sociais. Possui múltiplos valores em nossa cultura como forma de lazer, prazer, enriquecimento cultural e ampliação de horizontes.

O plano visa a compreensão dos alunos no processo leitura/ escrita, baseando-se nos diversos tipos de leitura. Ao conhecer o prazer da leitura e ganhar autoconfiança para ler o livro didático das outras matérias, o aluno desenvolve autonomia, transformando-se num agente no processo de ensino-aprendizagem e isso é extremamente positivo.

Como agente mediador do conhecimento e como educador na condição de formador de opinião, o professor deverá criar uma relação de cumplicidade com seus alunos facilitando a integração dos meios sócio-culturais e políticos imprimindo respeito e solidariedade no trabalho que irão realizar.

Quando escolhemos um filme por exemplo: “Central do Brasil”, para trabalhar com os alunos, não é o roteiro e o enredo a única coisa que se assiste ou se vê. Como pano de fundo está todo um conjunto cultural, saber ler e escrever, o aspecto moral e a ética (ao enganar as pessoas), distância entre as cidades, a paisagem urbana e a rural, os meios de transporte, os tipos de habitação, o sincretismo religioso e isto é o que fica realmente na mente das pessoas.

Com a música “Meu Guri”, analisamos a variação lingüística o dialeto padrão e o dialeto não padrão dos moradores do morro, a ética e a cidadania. O que leva a convivência com o delito? Medo ou acomodação? Situação econômica: quem mora no morro tem acesso a quê? Lê o quê? Descaso das autoridades com os menores infratores. Levantamos questões e levamos a uma reflexão acerca do tema.

#### **IV. CONTEÚDOS**

A pesquisa e a produção de textos serão constantes o que proporcionará um desenvolvimento significativo da escrita através de textos informativos, fragmentados, resumos de novelas, contos, crônicas. Trabalharemos também:

- Colocação Pronominal;
- Tipos de correspondência;
- Processos de formação de palavras;



- Ortografia, porquês, mal ou mau;
- Leitura de textos do livro didático.

## **V. METODOLOGIA**

Programar e executar novas práticas de ensino na língua portuguesa é proporcionar ao aluno uma atividade lúdica e obter como resultado: socialização, respeito mútuo, senso de responsabilidade e interação.

Pretendemos trabalhar com uma metodologia mais dinâmica, mais prazerosa, mais criativa, dando chances ao aluno e valorizando a oralidade.

Para a introdução deste tema será feita uma breve abordagem sobre as variantes lingüísticas, sobre cultura popular e norma culta, levando o aluno a perceber a importância da leitura e a reestruturação e (re) escrita do texto produzido obedecendo as normas gramaticais, a comunicação entre as pessoas, o surgimento da leitura e a sua relação com a escrita.

A partir desta aula os alunos terão mais contato com os diversos tipos de leitura, letras de músicas trazidas por eles ou pela professora, textos jornalísticos, trabalhando-se diariamente a gramática e a ortografia.

Os alunos farão pesquisa para descobrir como surgiu a escrita, de que maneira as variantes lingüísticas e os aspectos sociais interferem na leitura e na escrita, buscar textos interessantes que despertem a vontade de escrever.

Ao final do período proposto de 19/04/2005 a 17/05/2005 será realizado um seminário com o tema “Leitura e Produção de Texto”, no qual serão expostas as produções dos alunos no referido período.

## **VI. RECURSOS UTILIZADOS**

- **Humano:**  
Alunos

Professores  
Direção da escola  
Palestrante

- **Materiais:**

Papel chamex  
Jornal e revista  
Texto xerografado  
Papel hectográfico  
Sala de leitura da escola  
Laboratório de informática  
CD e aparelho de som

## **VII. PROCESSOS DE AVALIAÇÃO**

A avaliação será processual. Serão utilizadas ferramentas de avaliação para acompanhar a evolução dos alunos e verificar se os objetivos e as expectativas de aprendizagem foram alcançadas. No primeiro momento os alunos trarão para a sala o “tipo” de leitura de que eles mais gostam. Faremos a leitura silenciosa, individual ou em grupo, o entendimento do texto e o estudo gramatical e ortográfico programado para a unidade.

No segundo momento, será desenvolvida a produção de texto livre observando, no entanto, a coerência e os prováveis recursos de coesão. O passo seguinte é uma produção com tema sugerido ao qual será atribuída uma pontuação maior

O seminário será destinado aos alunos da 1ª a 4ª etapa/2ª fase, mas somente os da 3ª etapa estarão envolvidos na avaliação e por isso deverão elaborar um relatório individual sobre o plano desde o seu início até a fala do palestrante.

Os dois primeiros momentos valerão seis pontos e a participação no seminário e o relato final quatro pontos compondo assim a nota da unidade sem que se faça necessário uma prova escrita.

## VIII. BIBLIOGRAFIA

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 1997.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

TERRA, Ernani. **Linguagem, língua e fala**. São Paulo: Scipione, 1997.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2000.

VIEIRA, Evaldo. **Sociologia da Educação – Reproduzir e Transformar**. 3 ed. São Paulo: FTD, 1998.

[www.paratexto.com.br](http://www.paratexto.com.br)

[www.produção.ufrgs.br](http://www.produção.ufrgs.br)

## IX. TEMPO DE EXECUÇÃO DESTE PLANO

Este plano será executado no período entre os dias 19/04/2005 e 17/05/2005 finalizando com a realização do Seminário.

DATA	CONTEÚDO	OBJETIVO	AT. PREV.	RECURSOS	C.HORÁRIA
19/04/05	Apresentação do plano temático	Entender a proposta.	Leitura de jornais, Texto "A velha Contrabandista". Solic. aos alunos trazerem suas "leituras" preferidas.	Jornais, texto fragmentado	02
20/04/05	Interpretação de texto	Melhorar o entendimento.	Leitura de textos, criar manchetes de jornal sobre o assunto em pauta.	Texto "A velha contrabandista" e textos variados trazidos pelos alunos.	01
26/04/05	As variantes lingüísticas	Entender essas variações	Leitura De textos informativos apresentando variações lingüísticas.	Livros e apostilas pesquisados.	02
27/04/05	Norma padrão e norma não-padrão	Identificar e entender a cultura erudita e a popular.	Leitura De letras de músicas, percebendo a linguagem utilizada.	Letras de músicas, CD, aparelho de som.	02
03/05/05	Produção de texto	Desenvolver a escrita.	Produzir um texto a partir do tema: Leitura ou Escrita, qual a mais importante?	Conhecimento anterior pessoal, papel, caneta.	02
10/05/05	Filme: Central do Brasil	Perceber o aspecto sócio-cultural e questionar sobre a	Assistir o filme, debater com os alunos as questões pertinentes.	TV, vídeo e fita de vídeo.	02

		escrita.			
11/05/05	Tipos de correspondência	Distinguir: formal ou informal, a quem se destina?	Escrever um bilhete a um amigo, convidando-o para o Seminário.	Livro didático, papel e caneta.	01
12/05/05	Recursos de coesão	Empregar o recurso para evitar repetições de palavras.	Reescrita do Texto, correção ortográfica.	Texto produzido individualmente.	01
13/05/05	Convite e cartaz	Divulgar o Seminário	Trabalho em equipe na elaboração, escolha e confecção do material de divulgação.	Papel ofício, cartolina, caneta Hidrocor e pincel, cola.	01
17/05/05	“Leitura e Produção de Texto”	Levar o aluno a desenvolver o gosto pela leitura.	Seminário Tema: Leitura e Tradução de Texto Palestrante: Zilma Elma Melo Lima	Palestrante, TV, vídeo e fita de vídeo.	02

**UNIVERSIDADE TIRADENTES  
PRÓ-REITORIA ADJUNTA DE GRADUAÇÃO  
PROGRAMA ESPECIAL DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA PARA  
PORTADORES DE DIPLOMA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR- PROFOPE**

**SEMINÁRIO: LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO**

***ÁREA: LETRAS/ PORTUGUÊS***

TÂNIA MARIA CARDOSO DE BARROS

Orientadora: Liliádia da Silva Oliveira Barreto

**ARACAJU  
2005**

## RELATÓRIO

Desenvolvemos o nosso Plano temático “Ler é o primeiro passo, gostar de ler uma opção e escrever é o sonho realizado,” inicialmente com uma reunião com a equipe diretiva da escola, comitê pedagógico e professores do turno noturno, onde abordamos a metodologia do trabalho a ser desenvolvido visando uma interação interdisciplinar por entendermos que a leitura/escrita não se restringe à língua portuguesa, mas interage com as demais disciplinas.

Nessa reunião, apresentamos o nosso Plano temático e o tema para o Seminário: “Leitura e produção de texto”, tema esse escolhido, face a nossa realidade escolar, porque pretendemos formar cidadãos críticos conscientes do seu papel na sociedade e encontramos alunos que têm dificuldade na leitura e interpretação do texto lido e conseqüentemente não gosta e afirma não saber escrever. Diante dessa realidade, nós professores buscamos uma motivação para reverter o quadro atual.

Contatamos com a professora Zilma Elma Melo Lima, falamos da nossa proposta e fizemos o convite para que a mesma fosse a palestrante do nosso seminário, na certeza do quanto seria proveitoso para os alunos pelo seu conhecimento, experiência e maneira fascinante de abordar o tema.

Escolhemos a turma da 3ª etapa/2ª fase do EJA, para executarmos o nosso Plano temático no período de 19/04/2005 a 17/05/05. Iniciamos expondo para eles todas as etapas a serem desenvolvidas, a importância da participação, a avaliação processual e não fazer prova escrita e a nota final da unidade. Esclarecidos os pontos citados, solicitamos que trouxessem as sua “leituras preferidas”.

No primeiro momento levamos texto fragmentado e jornais; o ambiente foi preparado e motivado para a leitura silenciosa, oral por alguns alunos e o entendimento provável para os textos lidos, no coletivo cada aluno que quis, expôs a sua opinião. Com os jornais, analisamos as partes que os compõem e fizemos “manchetes” relacionadas aos textos trazidos por eles e os trazidos pela professora.

Durante o período do desenvolvimento do tema, foram apresentados aos alunos vários tipos de leitura como textos do livro didático, letra de música, jornal, texto fragmentado, poema e filme. Convém ressaltar a necessidade da motivação para cada atividade sem a qual não obteríamos o resultado almejado.

Antes de apresentar o conteúdo, fazíamos um breve comentário e reflexão sobre o que queríamos alcançar, por exemplo, identificar nas letras de música a cultura erudita e a popular através da escrita com a norma padrão e a norma não-padrão; nos textos didáticos a linguagem formal e informal, nos tipos de correspondência, colocação pronominal e ortografia e, através dos textos informativos entendermos as variantes lingüísticas, escrevendo um bilhete a um amigo convidando-o para o seminário.

Assistimos o filme “Central do Brasil” debatemos os aspectos sócio-culturais de maneira interdisciplinar e fizemos a releitura dos aspectos questionados destacando especificamente a escrita. Por que Dora escrevia? O quê? Para quem? Analisamos não só os cenários e enredo mas objetivamente o conteúdo.

Dando seqüência ao nosso plano, levamos um texto sobre o surgimento da escrita e solicitamos uma produção de texto livre. Fizemos a leitura oral de alguns textos, após a correção e o consentimento do aluno, na sala de aula e agora, pedimos que escrevessem um texto com o tema: “Leitura ou escrita, qual a mais importante?” com o intuito de levar o aluno a produzir um texto que lhe exija mais elaboração e raciocínio. As opiniões foram divergentes e alcançamos o que desejávamos.

Na divulgação do seminário o trabalho foi em equipe, quando da elaboração e confecção dos convites e do cartaz para o evento. O cartaz foi afixado num mural e o convite e as produções textuais ficaram em exposição no pátio interno da escola.

O seminário começou às 19:30h do dia 17/05/05, com a presença da diretora da Escola Estadual Professor Manoel Franco Freire Ana Cristina Freire



Silva, a palestrante professora Zilma Elma Melo Lima, a professora estagiária Tânia Maria Cardoso de Barros, os alunos da 1ª e 2ª FASE do EJA, os professores e a especialista Olívia de Paula Oliveira.

A palestrante abordou o tema de forma agradável, fez a leitura de um livro de Ziraldo: “O menino mais bonito do mundo”, mostrando que o prazer de ler forma leitores, citou escritores conhecidos da literatura infanto-juvenil e relatos de alguns como, Tatiana Belinsk, que começaram a escrever já na fase adulta, mostrando que nunca é tarde para começar.

Distribuiu entre os presentes um texto de Lygia Bojunga Nunes: “Livro: a troca”, trata de um relato da autora de quando começou a “troca” com os livros ou seja, desde muito pequena quando entrava nas histórias e depois quando passou a fazer histórias; fez a leitura e teceu comentários como começar a escrever.

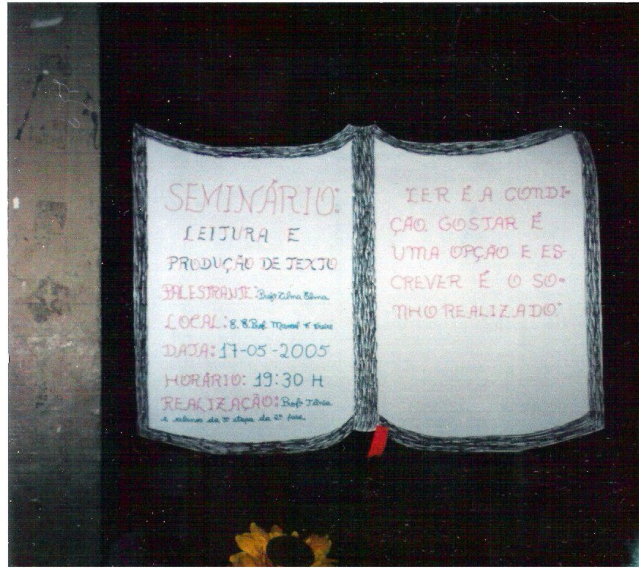
Após a exposição a professora Zilma abriu o espaço para o debate acordado na abertura do evento, para esclarecimento de dúvidas ou de curiosidades relacionadas ao tema. Surgiram algumas perguntas que foram esclarecidas sendo uma delas, o tema por nós proposto numa produção: -Quem é mais importante a leitura ou a escrita? De forma objetiva a expositora esclareceu que ambas são muito importantes, mas não existe um grau maior para uma do que para outra, confirmando os nossos relatos anteriores.

Agradeceu a todos e como houve uma vontade manifesta do seu retorno, prometeu voltar. Doou três livros para serem sorteados entre os alunos participantes e elogiou os trabalhos expostos dirigindo-lhes palavras de incentivo para continuarem no processo porque esse é o primeiro passo.

Após os agradecimentos finais, encerramos o nosso seminário ao som de Elimar Santos interpretando o poema “Ser poeta “ da escritora portuguesa Florbela Espanca, que foi cantado por quase todos os presentes.

Na sala de aula os alunos manifestaram a sua satisfação com relação ao evento primeiro verbalmente e depois por escrito, solicitando-nos a continuidade do

processo na próxima unidade. Entendemos como ponto positivo e analisamos que os objetivos propostos foram atingidos principalmente ao compreenderem que o uso da leitura e da escrita é para eles um instrumento fundamental enquanto sujeitos da sociedade em que vivem e agentes no processo de transformação.



Cartaz elaborado pelos alunos



Participação dos discentes no seminário

SEMINÁRIO: Leitura e Produção de Texto



Palestrante: Zilma Elma Melo  
Profª estagiária: Tânia Maria Cardoso de Barros  
Diretora da EEPMFF: Ana Cristina Freire

